

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

A morte da CPI e os custos do funeral

• Com agressividade ainda maior do que a usada na busca de votos para a reeleição, e um acordão com o PMDB e as forças carlistas, o governo sepultou ontem a CPI da Corrupção. Agora a opinião pública pedirá sangue e voltará sua fúria para o Senado. A cassação de Arruda e ACM será inevitável.

Esta última afirmação, vinda de um dos personagens mais envolvidos na operação "abafadura", contraria o discurso dos carlistas, que têm cinco deputados entre os 23 que ontem entregaram suas cartas de arrependimento. A recíproca seria uma ação da base governista para aliviar a situação de ACM no Conselho de Ética, facilitando a adoção de uma pena mais leve pelo plenário. Em nome dos carlistas, o deputado Ursicino Leão, do PFL baiano, esteve pessoalmente com o presidente Fernando Henrique. Chegou reclamando das retaliações contra o senador.

— Quando o senhor faz isso, está retaliando toda a Bahia — disse exaltado.

FH pegou o tom:

— Quando ele ataca o governo federal está agredindo o Brasil. Por seu raciocínio posso dizer que ele é impatriótico.

Isso foi a introdução exaltada, necessária em qualquer barganha. O resultado foi a promessa da retirada do apoio à CPI. Segundo um assessor de FH, em nenhum momento ficou estabelecido que, em troca, o governo tentaria salvar ACM.

Mas alguma coisa foi prometida. Veremos na quarta-feira se, de fato, um senador governista do Conselho de Ética pedirá vistas do parecer do relator Saturnino Braga, adiando sua votação. Entretanto, outra figura muita ativa na mega-operação garante:

— Nós sabemos que, abortada a CPI, a salvação de ACM e Arruda seria fatal para o governo. Seria uma provocação à ira popular. Agora a cassação ganhou mais força e o governo não está disposto a remar contra esta maré.

A parte de ACM no acordão está, pois, mal esclarecida. Uma hipótese é que o acordo envolveu

mesmo sua salvação, mas os governistas negam, sabedores que são da reprovação que teria lá fora. Outra é terem os carlistas embarcado na operação anti-CPI sem garantias, apostando na retribuição. Jutahy Júnior, líder do PSDB, adversário notório de ACM na Bahia, insinua isso, jurando que nada foi garantido aos carlistas. Uma terceira é que, tendo havido o acordo, mas sabendo o governo que sua execução seria afrontosa à opinião pública, não esteja disposto a cumpri-lo. Tal comportamento seria de uma imensa desonestidade política, mas escrúpulo agora é um valor escasso entre os operadores do governo.

Os custos do funeral incluem pois, segundo o cálculo dos próprios governistas, as cabeças de Arruda e ACM (embora seja crescente a convicção de que ACM conseguirá escapar de um modo ou de outro). O maior desgaste, entretanto, será do próprio governo: o desgaste, o aumento da impopularidade, a fixação da idéia de que há algum cadáver sendo escondido, a reprovação a uma operação que ultrapassa o limite aceitável da barganha.

— Certamente a conta será amarga, mas muito mais elevado seria o custo de uma CPI montada pela oposição como palanque eleitoral — diz o líder Jutahy.

Há os custos materiais, que nunca serão perfeitamente calculados. Ouviase ontem que o número de rádios comunitárias distribuídas a deputados foi maior que o de concessões feitas pelo governo Sarney na batalha pelo mandato de cinco anos. Verbas foram liberadas, favores de toda natureza foram concedidos, dívidas foram perdoadas. Mas de muita coisa se saberá depois, quando a poeira baixar. De outras, jamais.